

O Potiguar

Ano III

Nº 21

Outubro/Novembro 2000

Distribuição Gratuita



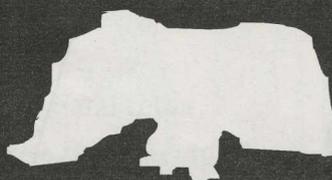
OS PRIMÓRDIOS DO CINEMA



CIARRITAS

Rio, 12/IX/00

§ João Gothardo, amigo,
 venho acompanhando o admirável
 labor de "O Potiguar".
 Viva! E viva vocês do RN!
 Fraternal abraço da
 Stella Leonardos.
 secretária geral da UBE.



LEITURAS POTIGUARES

Período/Dias: 26/10 a 21/12. (todas as quintas)
 Horário: 19h às 20h30min
 Investimento: R\$ 20,00 (vinte reais)
 Local: Academia Norte Riograndense de Letras

Objetivo

- Divulgar a literatura do Rio Grande do Norte, junto ao público interessado e estudioso;
- Conhecer a obra e a atuação intelectual de nomes considerados significativos para a cultura potiguar;
- Resgatar, do esquecimento, livros e homens, contribuindo para o desenvolvimento intelectual do estado.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E
 AÇÃO COMUNITÁRIA
 Av. Floriano Peixoto, 295 – Petrópolis
 Fone: (84) 215-1104 Fax: (84) 215-1137
 e-mail: extensa0@unp.com.br
 www.unp.br



PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA
 NÚCLEO CÂMARA CASCUDO – UNP

EXPEDIENTE

Diretor	-Programação Visual
-João Gothardo D. Emerenciano	-J. M. Vieira
Editor	Capa
-Moura Neto	-Adrovando Claro
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D. Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste



Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

Núcleo Cultural



Augusto Maranhão

A descrição do Rio Grande pelo francês Cajonen, em 1598

Quando as tropas portuguesas conquistaram Potte Sud, em dezembro de 1597, um certo capitão Cajonen (ou Caÿone), comandante de uma companhia militar francesa, resolveu refugiar-se com a sua tropa junto aos seus amigos indígenas, os Canibais moradores no Cabo Branco, atual território cearense.

Cajonen deixou um termo de declarações sobre o episódio, incluído posteriormente no *Manuscrito de Hessel Gerritsz*¹.

A estratégica retirada francesa teve o seu início provavelmente nas imediações de Natal. Segundo Cajonen, em Potte Sud (Potengi) existia pau-brasil, do tipo pequeno, proveniente de uma floresta chamada Lepetu, a uma e meia ou duas léguas da costa.

Cajonen também descreve o local Pieran Sud (Pirangi), onde chegava madeira graúda de uma floresta existente a 100 léguas para o interior, bem como madeira miúda, proveniente dos arredores de uma aldeia indígena, Harandon. Em

Pirangi existia o chamado Porto dos Búzios. Harandon correspondia

dada ao pau-brasil).

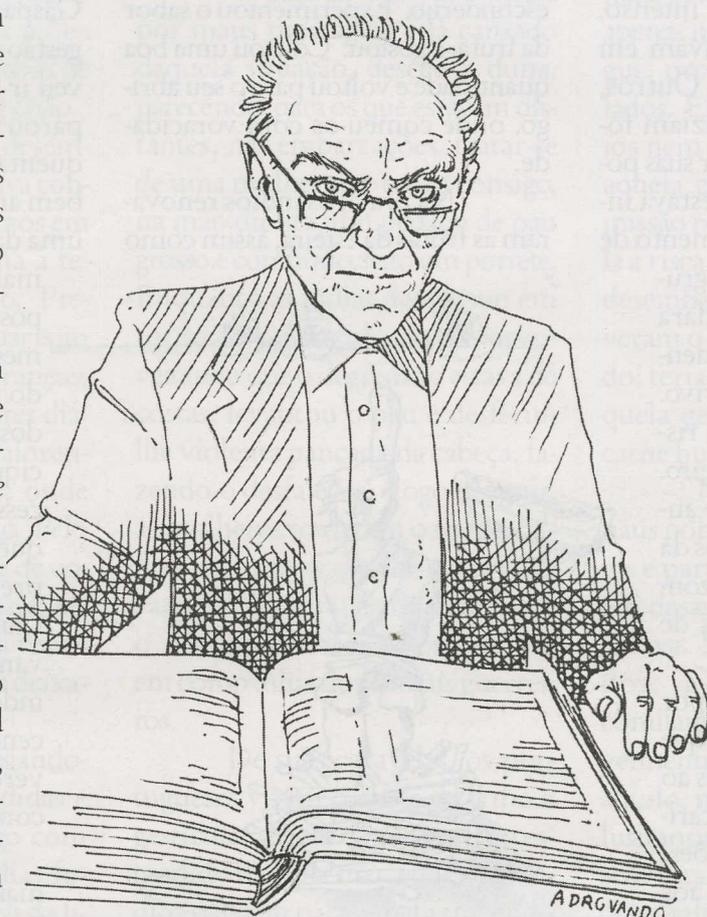
O mapa de Jacques de Vaulx, de Claye (Dieppe, 1579), focaliza a Aldeia de Harandon, sob a denominação de Randon. O antigo rio Pernambuco correspondia ao despejo daquela lagoa de Guaráiras.

Na sua retirada para o Ceará, Cajonen atravessou três rios que cortam o território norte-riograndense, o quarto dos quais foi o Zuponim, que podemos identificar como sendo o Upanema. Seguiu-se-lhe o Sianwarippe, ou rio dos Canibais, correspondente ao Jaguaribe, já em terras cearenses.

Finalmente, após seis semanas de marcha, os franceses e aliados chegaram ao Cabo Branco, situado a distância de seis léguas do rio Camocim.

(1) GERRITSZ, Hessel. *Journaux et Nouvelles*, etc., p. 170.

Olavo de Medeiros Filho



à Aldeia de Papari, na lagoa do mesmo nome, situada entre Pirangi e Oratapryca (Baía Formosa), nas adjacências do riacho Pernambuco, assim chamado por ali haver uma certa quantidade de madeira de Pernambuco (outra denominação

REALIZE SEU SONHO

VESTIBULAR

Prepare-se para disputar o mercado de verdade.

2001

DIAS 09 E 10 DE
DEZEMBRO 2000

Inscrição:
R\$ 60,00

De 16 de nov.
a 08 de dez.

FAL
FACULDADES DE NATAL

Av. Prudente de Moraes, 4890 - L. Nova - Natal-RN
Fone: (84) 206-0338

www.falnatal.com.br

CIÊNCIAS CONTÁBEIS

100 vagas

ADMINISTRAÇÃO

80 vagas

MARKETING

(Aguardando aprovação do MEC)

O primeiro revés

Quando João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes acordou, dia seguinte, o sol já estava alto e o movimento na praia já era intenso. Dezenas de índios dançavam em volta da pedra chantada. Outros, na mata ou nas dunas, faziam fogueiras, como se a anunciar suas posições ao chefe. Potiassu estava intrigado com o desaparecimento de seu guerreiro. Reforçara o grupo de busca e recomendara mais uma vez o aprisionamento do fugitivo. Queria-o vivo. Morto, só se colocasse em risco a vida de algum guerreiro. Nos navios, a curiosidade aumentava entre os membros da tripulação. Por todo o horizonte de terra, viam-se rolos de fumaça subindo aos céus.

Gaspar de Lemos, por volta do meio dia, ordenou que três barcos fossem lançados ao mar. Não iriam a terra. Ficariam próximos às embarcações, apenas para dar mostras aos nativos de que estavam percebendo a movimentação que faziam. Em sua cabine de comando, o português chefe da tripulação discutia com Américo Vespúcio o que fazer. Esperariam os cinco dias combinados, e só então mandariam seus homens à praia, bem armados e em grande número, as canhoneiras apontadas para o topo das dunas.

Aproveitando a curiosidade dos índios diante dos esquifes no mar, ameaçando rumar à praia, Homem da Canoa Grande saiu de sua trincheira, cavou, às pressas, um buraco de bom tamanho, e enterrou o corpo do índio que abatera, tendo o cuidado de espalhar folhas secas no lugar remexido. Água, ele tinha para mais alguns dias, mas nada tinha para comer. Se tivesse armas silenciosas como as dos índios, de-

certo arriscaria a caça, mas se contentou com alguns frutos amarelos, pequeninos, que vira índios comendo no dia anterior, ali perto do seu esconderijo. Experimentou o sabor da fruta, e gostou. Coletou uma boa quantidade e voltou para o seu abrigo, onde comeu-os com voracidade.

Na praia, os índios renovaram as frutas da esteira, assim como



os animais abatidos. Esperavam a vinda dos visitantes para qualquer momento. Desde que os barcos foram lançados ao mar, mudaram de tática, deixando na praia apenas mulheres. Nas idas e vindas dos barcos, os portugueses chegavam cada vez mais próximos da arrebentação. Mas não ousavam desembarcar para pegar os presentes. Como não viam os dois tripulantes idos a terra já por três dias, parte da marujada começava a mostrar cansaço com a situação e sugeria ir-se embora dali, de vez, ou enfrentar os selvagens com suas armas de fogo, seus canhões. Gaspar de Lemos,

contudo, manteria a promessa de esperar os cinco dias, e recomendava prudência.

No quarto dia da espera, Gaspar de Lemos, atendendo sugestão de Américo Vespúcio, resolveu ir ter com os indígenas. Preparou barcos suficientes para cinquenta dos seus homens, todos bem armados, levantou âncora de uma das naves fundeadas, aproximando-a mais do litoral, em posição de tiro, e comandou, ele mesmo, o desembarque. Quando percebeu a movimentação dos visitantes indesejados, o cacique Potiassu, temendo o excessivo contingente, ordenou que todos saíssem da praia e se preparassem para o ataque. Quando os portugueses estavam bem próximos a terra, a indiada partiu em correria, descendo as dunas, e disparando verdadeira chuva de flechas contra os invasores.

Os portugueses jamais tinham visto algo semelhante, e bateram em fuga desesperada, sem esboçar reação de fogo, de forma atabalhoada e perigosa, mas logo resolvida quando as canhoneiras da nave mais próxima dispararam, assustando a indiada que desapareceu na mata para não mais voltar nesse dia. Em seu refúgio subterrâneo, João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes a tudo assistiu, e mais uma vez tremeu ao ver o estardalhaço que os índios, em fúria e aos gritos, fizeram. Humilhado, Gaspar de Lemos adormeceu pensando em como resolver a situação no quinto e último dia de espera.

Logo ao amanhecer, vendo as mulheres de volta às proximidades do marco, o comandante da esquadra resolveu mandar um degredado à praia. Se voltasse,

como prometera ao outro, ganharia a liberdade. A reação adversa dos índios poderia ter acontecido em razão dos muitos homens que tentara desembarcar, pensou. Experimentaria. Se não desse certo, rumaria para o sul no dia seguinte, dando nomes aos acidentes geográficos, realizando anotações cartográficas, chantando pedras de mármore de Lisboa naquele chão.

O escolhido para o desembarque partiu decidido. Estava condenado a degredo de vinte anos em terras africanas e nada tinha a temer diante daquela situação. Preferia mesmo morrer a continuar com aquela vida sem mais esperanças, maltratado, sofrendo horrores diários nos porões abafados e calorentos daquelas embarcações, onde muitos já haviam sucumbido. Pelo menos tinha a possibilidade de comutação da pena. Se voltasse, seria livre novamente. Poderia voltar à família e cuidar dos filhos deixados em terras lusitanas.

O degredado foi chegando-se à praia em remadas decididas e velozes. Queria acabar logo com aquela expectativa. As índias foram buscá-lo logo que passou da linha de arrebentação, conduzindo seu barco a terra. O homem, sempre cercado por aquelas mulheres nuas, algumas a ostentar provocante beleza, dirigiu-se à esteira de oferendas e começou a analisá-las. As mulheres índias, curiosas, tocavam seu corpo, puxavam seus cabelos, arrancavam botões de sua

roupa. No topo da duna, os nativos observavam. O desembarcado tinha por missão buscar contato com o chefe da tribo, e por isso demorou-se no lugar, enquanto as mulheres faziam festa, dançando em seu derredor.

O pajé da tribo, alucinado por maus presságios e já cansado daquela situação, desceu a duna, parecendo, para os que estavam distantes, nas embarcações, tratar-se de uma mulher que trazia consigo, na mão direita, um pedaço de pau grosso e comprido, feito um porrete. Enquanto as índias dançavam em torno do português, o pajé, aproveitando que o degredado estava de costas, levantou o pau e desferiu-lhe violenta pancada na cabeça, fazendo-o desfalecer. Logo a seguir, as mulheres tomaram o corpo caído e em meio a grande gritaria levaram-no para o topo da duna, onde o cacique Potiassu se encontrava em companhia dos demais guerreiros.

De suas caravelas, os portugueses viram o chefe da tribo a gesticular diante daquele corpo estendido na areia fina, enquanto índios partiam para a mata trazendo grande quantidade de madeira. Os silvícolas amarraram o degredado português ainda vivo em um tronco fincado a terra, fizeram uma grande fogueira a sua volta e atearam fogo, indiferentes aos gritos do português. O homem teve os membros decepados e levados para a beira da praia onde foram devora-

dos pelos índios em gritarias, a dar mostras de destino aos que se atrevessem pisar aquela terra.

Nas embarcações, a tripulação revoltada queria vingar a morte horrenda do degredado, mas Gaspar de Lemos se antepôs. De nada adiantaria aquele gesto. Seria apenas mais derramamento de sangue, provavelmente de ambos os lados. Ele não queria perder marujos nem acirrar animosidade com aquela gente. Tinha uma difícil missão pela frente e queria cumpri-la à risca. Com certeza, os homens desembarcados cinco dias antes tiveram o mesmo fim daquele coitado: teriam virado alimentação daquela gente hostil, comedora de carne humana, canibal.

Na manhã seguinte, as três naus portuguesas levantaram âncoras e partiram rumo sul, deixando em desassossego aquela gente primitiva. Na memória dos embarcados, a cena degradante da comilança à beira-mar, voraz, terrivelmente bárbara. Os índios, com aquilo, mostraram aos navegantes lusitanos que não se entregariam sem luta. No coração de cada um deles saltava a certeza de que uma era de paz estava finda. Não tinham ilusões: nunca mais ficariam livres daqueles homens pálidos, saídos do mar em suas canoas gigantescas.

Eduardo Alexandre

Fragmento do livro "O Primeiro Brasileiro - Inédito"

**FIERN
SESI**

SESI - Serviço Social da Indústria

SAÚDE - EDUCAÇÃO - LAZER

Av. Sen. Salgado Filho, 2860 - 5º andar
59075-900 - Lagoa Nova - Natal - RN
Fone: (84) 204 6233 - Fax: (84) 204 6247
Internet: www.m.sesi.org.br - E-mail: sesi@m.sesi.org.br

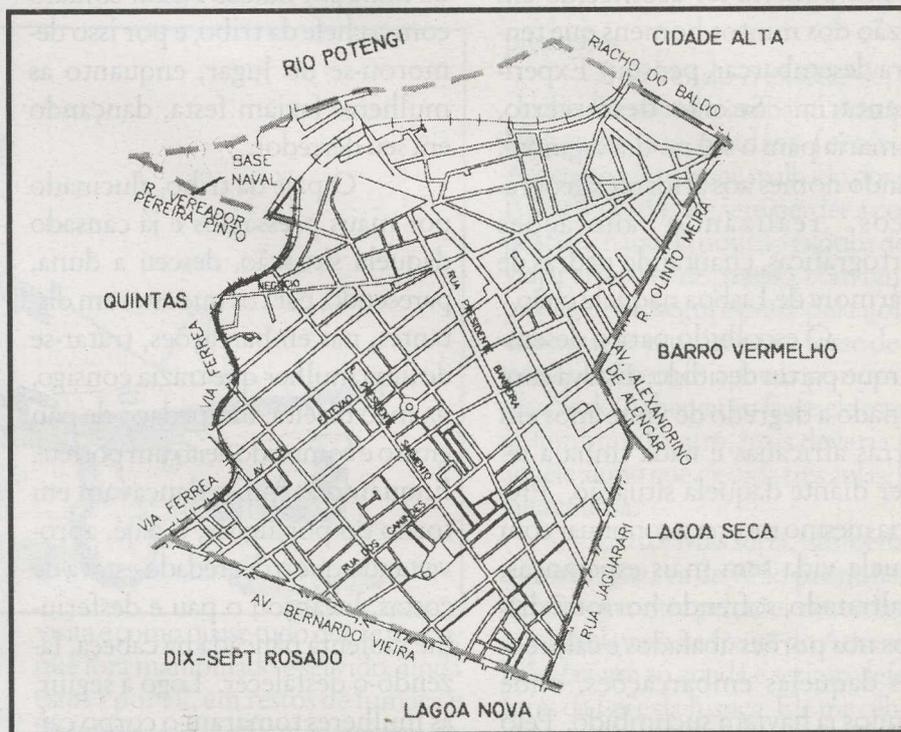
Alecrim

Um dos marcos da ocupação das terras que originaram o bairro do Alecrim foi a inauguração do Cemitério Público em 1856 pelo Presidente da Província, Antônio Bernardo de Passos. Raríssimas pessoas habitavam o descampado constituído por roçados e algumas casinhas de taipa.

Em 1882, o Presidente Francisco de Gouveia Cunha Barreto colocou a primeira pedra do Lazareto da Piedade, mais tarde Hospício dos Alienados. Nessa época, o Alecrim era uma capoeira por onde passava a estrada velha dos Guarapes, que dava acesso ao sertão.

A Praça Pedro II teve o privilégio das primeiras filas de casas. Conta-se que ali morava uma velha que costumava enfeitar com ramos de Alecrim os caixões dos "anjinhos" enterrados no cemitério, daí a origem do topônimo. Outra versão fala da abundância de alecrim-do-campo nesta área. Mas, a criação deste, considerado o quarto bairro de Natal, deu-se somente em 23 de outubro de 1911.

O perfil do bairro começou a ser delineado a partir da administração do Prefeito Omar O'Grady que, em 1929, convidou o arquiteto italiano Giacomo Palumbo, para traçar o Plano de Sistematização para expansão urbana da cidade. Conta-se que Palumbo, sob a influência da cultura americana, desenhou um traçado com avenidas e ruas largas, as quais registrava com números. Da Avenida 1 até a Avenida 12, houve a associa-



ção da numeração com o nome de personagens históricos, intercalados com nomes de tribos indígenas.

Testemunha da evolução do Alecrim, o Colégio Nossa Senhora das Neves lançou sua pedra fundamental em 17 de janeiro de 1935, contribuindo para o aprimoramento educacional de crianças e jovens natalenses, desde a sua fundação. O estabelecimento católico surgido na década de 30, contou com o apoio decisivo do arcebispo de Natal da época, D. Marcolino Dantas, dos padres da Sagrada Família e do desembargador Tomás Salustino, destaca-se, ainda hoje, como um dos mais importantes educandários da cidade situado à praça Pedro II, administrado pelas

irmãs da Congregação do Amor Divino.

Em 1941, durante a II Guerra Mundial, com a instalação da Base Naval, o bairro teve acelerado o seu processo de urbanização, quando se registra um aumento da população com a vinda de pessoas do sertão e de outras regiões em negócios na capital.

Oficializado como bairro pela Lei N.º 251, de 30 de setembro de 1947, na administração do Prefeito Sylvio Piza Pedroza, teve seus limites redefinidos na Lei n.º 4.330, de 05 de abril de 1993, publicada no Diário Oficial em 07 de setembro de 1994.

Paulo Venturele de Paiva Castro

Seja mais que ALUNO
Seja aprendiz de CIDADÃO
Congregação Filhas do amor Divino

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Semi-Internato



Colégio
**Nossa Senhora
 das Neves**

Fone: 211 4566
 Fax: 211 8820



Canto da Ìma

Rumo a Aldebarã

Quero esquecer minha velhice
Vou partir como criança
Folhas de jornal
Barco de papel
Navegarei para Aldebarã
Numa fria madrugada
Sem flores, sem nada...

Rumo firme
Pedaco de cortiça
Aguilha imantada
Num flutuar sem mágoas!...

Deixarei para vocês
As águas do São Francisco
Tutmés é quem garante!

Aldebarã!
Aldebarã

Talvez encontre em ti
Tudo que perdi em Angicos
Um riacho verdejante
Um pé de mulungu
Um ninho de "casaca de couro" ...
Espero que não esteja vazio!...

Preciso tanto
Aldebarã, preciso tanto
Escutar de novo esse canto!...

Geraldo Ribeiro Caldas

Perfil Nordestino

No nordeste não há seca...
É mentira do patrão!
Tem muita gente educada,
Consciente da questão.
Trabalho e água não faltam,
Como também o feijão.
Aqui, só pedem uma coisa:
O fim da corrupção.

Mário Relva Neto

MOTE

Quem tem cabeça apumada
Não usa chapéu virado...

GLOSA

Quando o gozo se sacia,
Logo arrefece a alegria!
À fartura, segue o tédio.
Que é grande mal sem remédio!
Toda a aventura acabada
Traz o remorso consigo...
Somente evita o castigo,
Quem tem cabeça apumada...

Até, mesmo na elegância,
Deve haver observância.
E mais, usar com cuidado
Roupa, camisa e gravata,
Porque, quem não faz bravata,
Não usa chapéu virado!...

João Emerenciano (filho)

Enciclopédia Digital

Direitos

Maior e mais completo banco de dados
sobre Direitos Humanos em língua portuguesa

Humanos

(0xx84) 964-7102 www.dhnet.org.br



-UNBEC-

COLÉGIO MARISTA DE NATAL

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211-5505 - Fax:(084)212-1216-
<http://www.natal-marista.com.br-natep>
@natal-marista.com.br

O “MOVIMENTO” HIPPIE EM NATAL

III PARTE

Viajei para o Rio também por aquela época (1968), e quando voltei em 1972 o perfil do Grande Ponto havia mudado radicalmente. Não mais o Ki-Show na João Pessoa e seu desfile do quem-me-quer mas uma “fauna humana” totalmente inserida no contexto, para usar uma terminologia da época.

Havia agora, no coração pulsante da capital, a loja de discos e produções de *shows* Helyson. Em sua caixa acústica com altos decibéis, rolavam sons que eu não escutara com muita frequência quando ainda em Natal. De Mutantis a Jimi Hendrix, passando pela trilha sonora de Woodstock, três dias de Paz, Amor e Rock'n'Roll, rolavam os sons mais... (pauleiras?)

Eu jamais havia encontrado Everaldo, Osório ou Fernando no Rio de Janeiro e até aquele momento, dos três, eu conhecia pessoalmente, apenas Everaldo. Eu os conheceria em meados de 73.

Os primeiros malucos que encontrei no Grande Ponto após o regresso foram: Carlos ‘Carlinhos’ Lucena e Flávio ‘Papudo’ Caldas. Esses dois malucos foram meus primeiros contatos ao chegar. Não encararam a estrada muito tempo. Não sei precisar quem viajou mais. Salvo engano acho que foi Flávio, pois me lembro, ainda com muita clareza, dos seus relatos entre os índios Guajajaras, do Maranhão, quando nos encontrávamos.

Eu havia viajado mais de um ano pelas praias do litoral fluminense e, em uma segunda etapa, a Bahia. Percorri dez vezes em um ano, o percurso entre o Rio e a cidade de São Salvador, principalmente a praia de Arembepe, espécie de Meca dos hippies brasileiros na época. Minha família jamais soube. Eu não fora para o Rio de Janeiro ser hippie e sim estudar (sic) e “fazer a vida.” É tanto que para voltar tive que disfarçar muito bem. Aquela época eu me considerava totalmente marginal, pois sempre agira em contraposição aos princípios que a família (e a sociedade) pregavam como corretos; a senda do bem, a porta larga... e isto me impunha um desconfortável sentimento de culpa. Minha família não consistia apenas do meu pai e da minha mãe; mas da avó, de tios, de primos e parentes afins, visto que eu era um garoto “bonitinho”, papariado e, diziam, inteligente. Meu pai era influente, conhecido... esperavam que eu o superasse. Todos cobravam de uma forma ou de outra, desde a mais tenra infância, uma posição minha perante a existência dentro dos padrões os quais eles concebiam como ideais, para a minha própria existência. Expectativa vã. Mas eu - juro por deus - desconheço o por

quê (o processo não era ainda consciente), de ser assim - sentia que não seria eu mesmo, se não o fizesse, se não agisse como me ditava o coração. Mas vivi um conflito danado, ora se vivi. Por anos me incriminei, não tinha confiança em mim mesmo, perdendo até a auto estima. Vivi muito, muito tempo mesmo, entre dois mundos. Um luminoso, outro sombrio. Um que me levava ao “bom caminho”, a estrada segura, ao sucesso; e o outro, o que me levava a mim mesmo. Foi um processo de auto-conhecimento penoso, conflitante, dispendioso, dispersivo e auto destrutivo; mas não foi em vão. Tudo valeu a pena. Se me fosse dado o poder de voltar no tempo repetiria tudo outra vez e muito mais.

Comecei a ser assíduo, entre outros ‘pedaços’, da rua João Pessoa e aí conheci mais hippies. É preciso observar que havia vários tipos de malucos, mas não dá mais para exemplificar neste espaço.

Entre os hippies que conheci naquela época, além dos que já me referi, estavam os irmãos André e Ricardo Rabelo, sobrinhos do poeta Luiz Rabelo. Os dois tinham aparência de hippies mas estavam mais para os *freaks*, que eram hippies mais urbanos. Dos dois apenas Ricardo pegou a estrada, indo, se não me engano, até Belém do Pará. Eles tinham muita es(his)tória interessante pra contar.

Estes fatos aconteceram fazem quase trinta anos. Portanto não posso ser muito preciso; ainda com o agravante de ter perdido, em uma de minhas viagens uma pasta repleta de anotações, pesquisas, levantamentos, entrevistas que fazia na estrada e, o pior de tudo: um glossário que eu organizara com todas as gírias e expressões de linguagem típicas da época e entre os malucos. Todavia tenho a impressão de que o maluco que eu conheci na seqüência foi o Cirilão, ou Ademar Cirilo Neto, se não me engano. Foi ‘uma figura’ e pegou a estrada mesmo, indo inclusive até o exterior. Onde andaré o Cirilão?

Na seqüência, seguindo as reminiscências, conheci o maluco Graco ‘Legião’ Medeiros e este encontro foi um dos acontecimentos mais interessantes daquele período em minha vida. Quando nos encontramos pela primeira vez, pintou uma antipatia imediata e mútua entre as partes. Em resumo: eu não fui com a cara dele, nem ele com a minha. No entanto em uma outra oportunidade, passada a primeira impressão o ‘maluco’ Graco veio a ser uma das minhas relações mais fraternais. A gente era de classe social diferentes mas havia um entendimento tácito e natural. Foi o primeiro maluco que cruzei, após meu regresso a Natal a discutir e questionar valo-

res mais voltados à sociologia e a filosofia, tudo, evidentemente, dentro da visão *underground*. Era diferente dos outros amigos que me quiseram impor, vazios e petulantes

Graco foi um dos mais chocantes, digamos assim, de visual mais bizarro, dos hippies de Natal que conheci àquela época. Era extremamente magro. O cabelo louro, até os ombros e todo desgrenhado; ele o penteava jamais. Sandálias em couro cru com solado de pneu. Quase sempre andava com uma bolsa, também em couro, onde carregava seus apetrechos, entre estes, com certeza, algum livro, mais uma inseparável flauta que ele, sempre com expressão contemplativa e gestos suaves retirava do interior da bolsa, pondo-se a tocá-la tão logo pintasse uma boa oportunidade; ou seja, a beira de alguma praia com uma fogueira acesa ou a esquina de uma rua qualquer da cidade sob a lua...

Além de tudo possui acentuado estrabismo que punha em sua fisionomia um aspecto de visionário ou lunático. Uma figura, Graco, aquela época (e sempre) com seu visual lembrando o músico Ian Anderson, do incrível Jethro Tull.

Atualmente reside em Recife. É funcionário da Fundacentro de Pernambuco. É perito em segurança do Trabalho. Vez em quando pinta em Natal, revê os ‘chegados’, dá uma canja (tocando *blues* com sua gaita) no Abech Pub. Publicou livro de poesias nos anos 80 e vem produzindo seus poemas singulares - nos quais se pode perceber uma clara conotação da prosódia *beat* - ao longo desses anos todos. *O Potiguar* vem publicando sua produção mais recente.

Aí, a coisa foi detonando, os ‘malucos’ proliferaram não só em Natal mas em escala universal e isto já havia sido previsto. Havia malucos super originais, fantásticos, mas seria necessário um livro inteiro para falar sobre eles. Os mais desatacados e que de imediato me ocorrerem à memória, foram:

Kiko, ou Quico; infelizmente não sei o seu nome completo apesar de termos sido bastante chegados, aqui e em Salvador. A última vez que o vi, em Natal, foi em 92/93. Residia em Macau e havia ficado 5 anos na Marinha Mercante. Era “um” figura. Suas aventuras, daria um bom livro mas muitas delas, tenho certeza, seriam “demais” neste texto.

Outro, emblemático, mais para o lado ‘barra-pesada’ da estrada, foi Francisco “Quinho” de Assis Antunes. Também conhecido por Profeta, principalmente em Salvador onde vive a mais de 20 anos. Nos anos 70 produzia (e sobrevivia dis-

to) pulseiras e colares de alta qualidade confeccionadas em latão, alpaca e bronze com desenhos e inscrições egípcias conseguidos através de aplicações de neutrol e ácido nítrico. Tremendo artesão. Atualmente é proprietário de um pequeno restaurante típico à beira da Lagoa do Abaeté em Salvador. Teve muitas mulheres, vários filhos. Era um 'maluco' que "não dava a outra face" para bater. Encarava uma boa briga "no ato", como ele mesmo dizia. Tinha ar insolente e debochado e isto chocava, muitas vezes, as pessoas convencionais. Em 1976 eu estive por quase dois meses em sua casa na Bahia.

Talvez seja o único maluco natalense que gerou um descendente na estrada e que nela viveu por vários anos, chamado Franklin, o "Boy Sujeira", que hoje o auxilia nos serviços do restaurante.

Havia também um grande número de malucos denominados "hippies de butique", no Nordeste, e "de vitrine", no Sudeste. Como também o chamado *beautiful people* (gente linda) que na verdade eram os hippies genericamente falando mas no Brasil, adotou-se, simbolizava aqueles originários das classes média e alta, que podiam comprar roupas de *griffe* e aparentavam comportamento contemplativo ou irreverente. Alguns representantes em Natal foram:

Julinho Pedroza, morto tragicamente em um acidente de moto na confluência da Prudente de Moraes com a Alexandrino de Alencar. Os irmãos Marco "Marquinho" e Mario Rosset, filhos do comandante naval da época. Essas duas figuras, cariocas, "detonaram" a rapaziada do "jet-set" potiguar e uma das principais 'curtições' da moçada era tomar LSD e ir curtir os peixinhos nos diversos poços formados nos arrecifes da praia de Búzios em noites de lua cheia. Sofisticados, não?

Também os que simpatizavam com o movimento e o curtiam mais por modismo: o arquiteto, vereador, militante do Partido Comunista, Sérgio "Serginho" Dieb, também, por um período, curtiu a onda e poderia ser incluído entre os "yuppies", que eram os hippies politizados... André Dante de Melo Lima, Amaro Lima, Núbia (não sei o sobrenome dela, hoje é professora universitária...); até os conceituadíssimos cronistas e *promoters* sociais Jota Oliveira e Hilneth Correia deram uma de "Riponga"; a professora Fátima Nery, a jornalista Salsia Dantas, no clima de "tô na minha", etc e etc.

Tudo no espírito do protesto, na "crista da onda" em voga universalmente. No Brasil teve uma velada, sutil atitude de contestação ao regime militar vigente no país.

Mais 'malucos' natalenses que curtiram a estrada, que sentiram o gosto da aventura, a mítica de Jack Landon e de Kerouac:

Jácio Tôrres, do Sebo Cata-Livros;

Alexandro Gurgel, do Practical Idiomas; o hoje místico/esotérico José Maria Dumaresq; o poeta, performer e escritor Carlos Gurgel; Eduardo Alexandre Garcia, poeta, escritor, jornalista, professor, pintor, promotor cultural, político, sentiu a adrenalina que era a estrada, pois pegou a estrada, de carona, até Salvador. Nesse 'espírito' podemos incluir ainda, como hippies da época, seu companheiro nessa aventura, Carlos 'Piru' Roberto Bezerra de Araújo

Ainda: Carlão 'Tuiú', este, sozinho, daria um 'romance', vive atualmente em um paraíso, verdadeiro 'oásis', nas dunas do Rio Doce entre a Redinha e Genipabu... Walter "Von Berbe" Varela, já falecido; fantástico, merecia várias páginas só sobre ele... Vésio 'Subhardo' Rosendo Lisboa, advogado, promotor cultural, um dos introdutores da macrobiótica a da alimentação natural no RN. Este, de conteúdo riquíssimo, não estou muito seguro mas parece que também curtiu a estrada... ufa! Acho que é isto aí. Não sei se esqueci alguém... pensando melhor, acho que vou esquecer muita gente sim. Seria impossível não fazê-lo...

Ah, tem ainda três 'malucos' que deram uma de internacionais. Isto mesmo. Curtiram a estrada nos EUA e Europa. Foram eles: Afonso "Fon" Lima, poeta e músico. Se não me engano, mora há bem 25 anos no Rio e é funcionário da Petrobrás. Edmo "Petit" Amorim das Virgens. Figuração. É jornalista profissional e incursionou e incursiona em várias vertentes na cultura potiguar.

O terceiro foi o carismático Luís 'OVNI' Rebouças Torres, que teve bolsa de estudos para os Estados Unidos e lá, ficou "muito louco, bicho!" Rebouças, escritor, poeta, professor, tem dois canudos universitários, especialista em extraterrestres e, presentemente, candidato a Imortal pela Academia Norte-Riograndense de Letras. É mole ou quer mais?

Vou encerrar por aqui, fechando o assunto com um 'maluco' que não propositalmente, ficou para o fim. Jairo Torres, irmão de Jácio, de Jamerson, de Jailton e de Jane e primo de Luis Rebouças. Todos artistas de alguma forma. Jairo, em especial, foi um dos percussores do movimento em Natal, lá pelos idos de 70/71, bem no comecinho da década, a que foi considerada 'divisor de águas' e concretizadora, na prática, dos ideais dos 60s.

Jairo era (é) muito louco, muito vivo e inteligente. Aliás, como todos os filhos do seu Raimundo e dona Eny Torres. Muito místico àquela época. Misturava esoterismo, macrobiótica, deuses do candomblé, ioga, meditação transcendental, artes em geral... tudo. Também curioso "mestre-cuca" da cozinha macrobiótica. Na estrada desenvolveu o aprendizado do vasto artesanato hippie, especializando-se

em ponto 'macramé'. Começou com pulseirinhas feitas em "palha da costa", uma espécie de sisal que vem da costa da África, bastante abundante no mercado Modelo em Salvador. (Eram ótimas para vender a turistas). Sua arte foi se aprimorando, passou a fazer peças de roupa com outros tipos de fibra mas tudo em 'macramé'. Eram blusas, mini-saias, 'bustiers'...

No final dos 70/ começo dos 80, estabeleceu-se em São Paulo. Trabalhou para a Rede Globo em Sampa confeccionando 'modelitos' para atrizes globais; entre outras, Sandra Brea, que posou com um de seus modelos para a revista *Veja*. Atualmente é fotógrafo e cinegrafista. É casado há mais de 10 anos com uma paulista negra, linda.

Eu tenho uma lembrança, vívida, de Jairo: em meados dos anos setenta ele 'pintou' em Natal vindo de Salvador com uma roupa muito louca que ele mesmo havia produzido. Era uma calça "boca-de-sino", cor de laranja, com uns desenhos nas pernas desde o 'abanhado', imitando labaredas e com bastante vermelho; de forma que quando ele vinha caminhando dava a impressão de estar se incendiando, como um Bonzo. Muito louco mesmo. Era a época.. Vida longa para Jairo e para todos os malucos 'sobreviventes'!

O grande 'guru', profeta e teórico do movimento *hippie* no mundo, entre outros, foi, sem dúvida, o escritor americano Norman Mailer. Quando escreveu o seu célebre ensaio *O Negro Branco* (The White Negro), afirmou que seriam os hippies e não os politicamente revolucionários, a verdadeira resposta viva ao mundo do *square* norte americano e profetizou que fariam uma revolução. Mailer usou a palavra *hipster*. Na década dos sessenta a palavra mudou para *hippie* e a revolução aconteceu. O fato é que a negação extrema foi capaz de mudar o *way of life* da civilização ocidental através da criação de uma sub-cultura marginal no interior do seu próprio corpo e dominou a década dos 60 (o berço das transformações), propagou-se pela dos 70, indo morrer {sem morrer{?!?}} em meados dos 80; todavia deixando uma convulsão, uma restauração com sua nova e insólita perspectiva de avaliação da própria realidade.

Mailer imagina hordas de hipsters - psicopatas filosóficos, como ele os chamou - que desligassem efetivamente suas vidas de todos os valores consagrados da cultura e da civilização, entregues ao próprio físico e à fruição orgiástica de seus instintos finalmente libertos dos grilhões do passado. Chamaram Mailer de sonhador.

Hoje, tudo aconteceu como ele previu.

O cinema na Ribeira



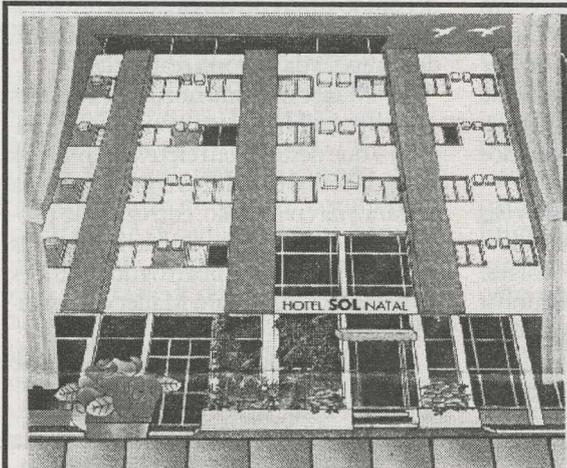
Corria o ano de 1898. Natal era uma cidadezinha calma, com alguns românticos de progresso. Se havia o costume boêmio das serestas à luz da lua, no entanto, às 5 horas da tarde apitava encerrando o dia de atividades a Fábrica de Tecidos de Juvino Barreto, industrial que trouxera pela primeira vez luz elétrica à cidade, em 1892. A Fábrica de Tecidos era na Ribeira, centro comercial e social da capital norte-riograndense de então.

Neste ano de 1898, pela primeira vez se viu cinema em Natal. E o local desta primeira projeção de fitas cinematográficas foi a Ribeira, é claro; mais precisamente, à Rua do Comércio (depois, Rua Chile), num depósito de açúcar, onde também eram apresentados os espetáculos do Teatrinho da Fênix Dramática Natalense. Quem

trouxe os primeiros filmes a Natal foi Nicolau Maria Parente, inaugurando as exibições à noite do sábado, 16 de abril de 1898.

Os primeiros filmes vistos em Natal foram documentários ou de fatos do noticiário histórico ("Jubileu da Rainha Vitória" e "O Casamento do Príncipe de Nápoles"), ou de pequenas cenas do cotidiano das pessoas ("Banhos da Alvorada", "A Chegada em Gôndola", "A Comida aos Pombos na Praça de São Marcos"), ou, enfim, dos aspectos urbanos ("A Catedral de Milão", "O Panorama de Veneza", "A Chegada do Trem").

Foi também na Ribeira que existiram as nossas primeiras salas de exibição cinematográfica específica. A pioneira foi o Cinema Natal, inaugurado a 21 de agosto de 1909, por iniciativa de uma empresa conhecida como Juvenal & Cia. Mas não tinha prédio próprio. O Cinema



HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

R\$ 17,50 preço por pessoa em apartamento duplo

Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - PABX: (084) 211-1154
-TLX: (84.2464) - FAX:(084)221-1157-Natal-Brasil

Natal funcionava no recinto do então Teatro Carlos Gomes (hoje, Teatro Alberto Maranhão). Em 1911 – quando foi criada a Companhia Força e Luz e surgiram os primeiros bondes elétricos de Natal – foi inaugurado, na Praça Augusto Severo, o primeiro cinema com características para a projeção de filmes. Foi o Cinema Politeama, inaugurado na sexta-feira, 08 de dezembro de 1911, por iniciativa da firma Gurgel & Paiva.

O Politeama – que fora inaugurado em prédio no local onde hoje está a firma Limarujo Comércio Limitada – foi palco de muita história e de muitas estórias. Dos primeiros filmes, trazidos de Paris, da Pathé, até à apresentação do kinetofone – sincronização de som e imagem, pioneirismo sonoro do cinema da Ribeira – em abril de 1916. Por causa dele se deu o nome “poli” ao picolé que era vendido em sua sala de espera. Um fato o marcou em 1933: houve, naquele ano, em seu recinto, uma cena de sangue, quando o Capitão Everardo Vasconcelos agrediu João Café Filho (que seria, futuramente, Presidente da República do Brasil) e, entre troca de tiros, fíndou Café com um ferimento.

Outros cinemas existiram na Ribeira, sem a característica de prédio “oficialmente” cinematográfico. Na Tavares de Lira, também na segunda década do século, existiu um, de propriedade de Antônio Fontes. Houve outro cinema no bairro, de propriedade de um francês, onde, toda vez que ia começar a sessão se

colocava para o público ouvir o disco com o hino nacional da França, a Marselhesa.

Mas em 1937 foi inaugurado outro prédio “oficialmente” cinematográfico na Ribeira. Foi o Cine Rival, inaugurado a 4 de dezembro de 1937, na Rua Frei Miguelinho. Interessante que este cinema causou uma polêmica no início. É que a empresa Rex, sua proprietária, querendo dar ares democráticos à escolha do nome do novo cinema, abriu concurso pelas páginas do jornal “A República”. O povo deu maioria ao nome “Ritz”. A comissão julgadora, sob a alegação de que “Ritz” não era um nome nacional (como estava especificado nas regras do concurso), escolheu o nome “Regina”, (que aliás não é também tão nacional). Devido a um abaixo-assinado de protesto (mais de 40 assinaturas) enviado ao jornal “A República”, a empresa “Rex” se decidiu pelo nome “Rival”, que ganhara também bastante votos no concurso.

O “Rival” e o “Politeama” duraram até os primeiros anos da década 40. Breve os novos cinemas passaram a ser inaugurados na Cidade Alta (para competirem com o pioneiro “Royal Cinema”, na Ulisses Caldas, existindo desde 1913). As vozes e as imagens da salinha escura calaram e se apagaram para sempre na Ribeira, para ressurgirem hoje bem distantes, na Zona Sul, no Natal Shopping

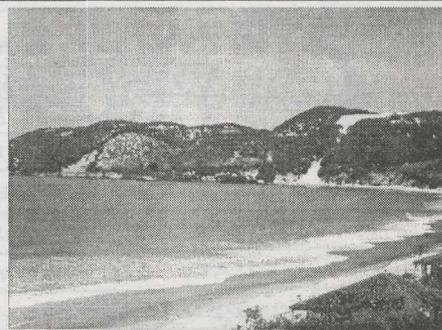
Anchieta Fernandes



iglesias

Arquitetura
Imóveis
Turismo

- **PROJETOS, PAGAMENTO FACILITADO.**
- **IGLESIAS COMPRA, VENDE, ALUGA OU ADMINISTRA SEU IMÓVEL.**
- **ALUQUE SEU IMÓVEL NO VERÃO COM LUCRO E SEGURANÇA.**

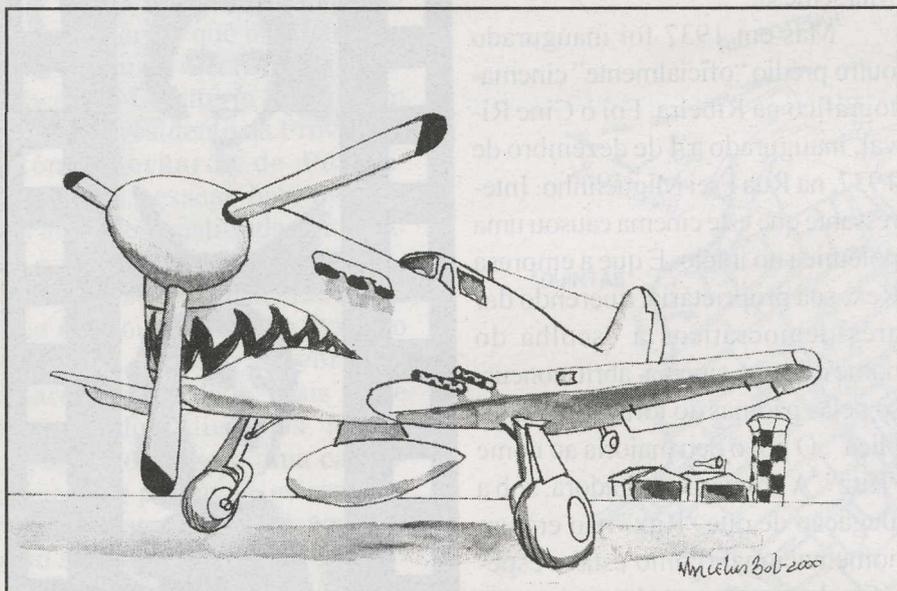


Rua Pedro da Fonseca, 8989 - Ponta Negra - Natal - RN - Fone: 236-3635 - Fax: 219-4000

Obs.: Casa do telhado branco em frente à torre celular.

e-mail: iglesias@eol.com.br

Visita ao campo de Parnamirim



Em novembro de 1948, ginásianos do Liceu Paraibano vieram em excursão até Natal. E como me tinham como colega, pois de 1945 a 1947 fui aluno como eles, do Liceu, convidaram-me para ser seu cicero em Natal.

O que foi feito, desde a chegada de trem e a hospedagem no Hotel Bela Vista. Nos dois dias que se seguiram dançamos em bailes no Centro Estudantil Potiguar, namoramos no Aero com colegas nossas do Atheneu, visitamos a Pensão Ideal e tudo o mais. No domingo pela manhã estava agendada visita ao Aeródromo de Parnamirim, fortaleza histórica, trampolim da vitória na guerra que ainda nos cheirava a sacrifícios e suor. Por ali pousaram e subiram centenas e centenas de aviões aliados de todos os tipos. Armas mortais contra o inimigo, oculto nas entranhas de poder que assombrara o mundo, dito pacífico.

E como havia a fascinação pela

visita e como quase tudo que se usara e que fora manipulado e servido, ainda estava por ali, em restos de fumaça e de compreensão bravia, a visita ao Campo de Parnamirim, Distrito de Natal, não poderia deixar de acontecer.

Sete carros fretados na praça da Cidade Alta e excursionistas a postos. No nosso, estariam dez pessoas, incluindo o motorista. E no impensado, para massacrar mais aquela algazarra que se suportava, o Professor Antônio Pinto! Que desceu a lenha no sofrimento daquele povo, após guerra sangrenta, abrindo fogo contra governo que mandara heróis à Itália, mas ainda não se modernizara aqui dentro, deixando multidões de atribulados homens em busca de sua própria soberania. No ensino, então, verificava-se a lerdeza, o irracional. A pobreza potiguar secundarista, chorava ali, obrigando a correr para Recife os que pudessem avançar em estudos superiores ou ainda Maceió, bem melhor para nossas

pretensões.

E eu vendo-o exaltar-se, cochichei-lhe não ser paraibano. Atenção! Pertencia aos quadros fortes do Atheneu velho daqui, malhado por ele. E aluno dele! E ele sem perder a compostura, naquela posição exótica de se viajar em carro de passeio, com tantos passageiros, segurou-me pela gola e disse que se estudante eu fosse de lá, nos cobríssimos apenas por um só céu. Se do Atheneu eu fosse ele estava se lembrando, sim, pois deveria ser aquele aluno que de cada três aulas, lhe faltava uma.

Certo! Mas seria, também, o que não gostava de vê-lo pronunciar desaforos contra pelotões de soldados que desfilavam na frente do Atheneu. Não faziam só zoada e seriam defensores da Lei e da Justiça. Ele me olhou sério no que pôde, e resmungou, que novamente, me calasse e deixasse ele falar para animar a turma, que mal prestava atenção ao que ele dizia. E aguardavam ansiosos a descida gloriosa em Parnamirim, como campo ainda com aviões guerreiros, hangares, capela, cinema, almoxarifado, pistas, órgãos e serviços auxiliares, que muito foram de utilidade na arma aérea.

Que eu me calasse como se fosse eu que estivesse a reclamar dos acontecimentos e tratássemos de saltar, pois havíamos chegado e todos se dispersavam na ânsia de examinar aviões, fotografar aviões, ângulos de edifícios e trechos históricos do acampamento místico da guerra que se fora, e da importância que tudo aquilo representava.

Afranio Pires Lemos



**COMPRAMOS,
VENDEMOS E
TROCAMOS**

LIVROS. E REVISTAS

VINIS. CD'S E FITAS DE VÍDEO

OBRAS DE ARTE. ANTIGUIDADES

EM GERAL. ENCADERNAÇÃO

E RECUPERAÇÃO DE LIVROS

Sebo da Praça

PRAÇA PADRE JOÃO MARIA, 71-A
CENTRO - NATAL/RN
FONE: 211-0402



EDITORA GRÁFICA

Serviços Gráficos em Geral

Fone: (84) 222-1461

Prodígio das mãos de Deus

Fiquei admirado ao ler a história da breve existência de Auta de Souza. Minha emoção aumentou quando conheci a grandeza encantada de seus versos. Bom será, um dia, compartilhar desse sentimento ao ver estas obras trabalhadas nas escolas do RGN.

No dia 12 de setembro de 1876, em Macaíba, a literatura brasileira foi presentada com a aparição radiosa de Auta de Souza. A poetisa teve quatro irmãos, sendo dois deles personalidades também de destaque na história do nosso Estado. Eloy de Souza (político) e Henrique Castriciano (fundador da Escola Doméstica de Natal, escritor e poeta). Auta faleceu aos 24 anos de idade, em Natal, vítima de tuberculose, cuja primeira manifestação ocorreu-lhe aos 14. Essa moléstia da época tirou precocemente as vidas de sua mãe aos 27 anos, em 1879, e de seu pai aos 39 anos, em 1881. Um dos irmãos, Irineu Rodrigues de Souza, aos 12 anos de idade, morreu numa trágica explosão de um candeeiro, no Recife, quando Auta tinha 13 anos de idade. Esses acontecimentos,

mortes de parentes e a doença, serviram de representações tristes na sua memória e de inspiração para escrever sublimes poemas.

Depois da perda dos pais, Auta de Souza e irmãos foram morar na compa-

de cura.

Naquela época existia um preconceito completo contra a mulher escritora. Mesmo assim, Auta de Souza corrobora com a literatura ao publicar seus versos em jornais locais e nacionais, em revistas e outros. Meses antes de falecer, conseguiu publicar seu único livro, *Horto*, resultado de uma coletânea de versos e poemas. Seu trabalho tem um admirável Dom de sensibilidade: prodígio das mãos de Deus. Naquela época, Auta de Souza tornou-se conhecida e elogiada pelos críticos literários de todas as partes do Brasil.

Para exemplificar a grandeza de seu talento, escolhi um emocionado verso que Auta de Souza escrevera inspirada no irmãozinho falecido:

*"Mas...a gaiola vazia,
Que eu conservo noite e dia,
Não sabem? É o coração...
É dentro dela que mora,
É dentro dela que chora,
A alma do meu irmão!"*

(Goivos. Santa Cruz-RN, 1897)

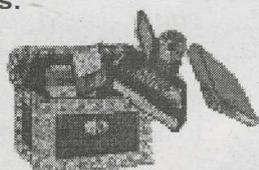
Rogério Câmara



nhia da avó, no Recife, onde ela ingressou no Colégio São Vicente de Paula. Estudou inglês e francês, desenho e música; conheceu obras de Gonsalves Dias, Gonsalves Crespo e Antero de Quental. Devido às fortes e constantes crises da doença, a poetiza abandona o colégio e volta para o RGN, com a avó, em busca

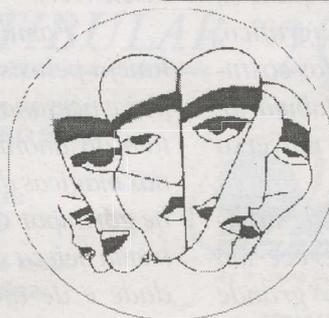
SEBO CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

Sebo Espaço 104



Vende-Compra-
Troca de Cd's -Livros-
Revistas

Rua Ulisses Caldas, 94
Centro- Natal/RN
Fone: 221-3717/987-8551

Sinfonia sertaneja

Em Sarapalha, um dos nove contos de Sagarana, de Guimarães Rosa, um diálogo entre dois primos doentes de malária, abandonados, isolados do mundo, e que estão morrendo no meio do mato e mesmo assim acabam se desentendendo por causa de uma mulher que existiu na vida de ambos, muito tempo atrás. Os dois brigam, um expulsa o outro, este outro se afasta, não tendo para onde ir mas com vontade de morrer de tanta doença, cansaço e desgosto. Então chega a um lugar onde resplandecem as flores, as plantas e as árvores do sertão, e vibra, moribundamente arrebatado: mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito para gente deitar no chão e se acabar!...

Últimas palavras sublimes, que não apenas filosofam aquele maravilhamento mágico ficcional que o sertão agasalha, mas o conto despeja aquela luminosa magia feiticeira de quando se penetra verdadeiramente no mítico universo sertanejo. Aqui, o natalense Newton Bahia enriquece as letras norte-rio-grandense com mais um profundo mergulho na ficção-realidade sertaneja, escrevendo *Pilão Deitado*, saborosa coletânea de micro-contos do sertão, num apimentado e múltiplo proseado, num estilo bem próprio, dentro dos seus limites literários. O resultado é uma autêntica miniatura impressionista, com quadros naturais do ambiente geográfico, da paisagem, dos tipos, dos costumes, das superstições, do fabulário, do folclore - do pululante universo agreste nordestino.

Nessa saraivada de miniestórias, o autor nos oferece um multicolorido painel: a "grande viagem" de Chico de Gregório; o

Pilão Deitado Contos



Newton Bahia

destrambelhado comportamento do Pai de Chiqueiro; a incrível e desafortunada botija de Cila; o rádio trapalhão do finado Manoel Pereira; o tempestuoso xodó de Mina pelo amoitoado Zé da Paixão; e as trapalhadas de Tutuca, aliás Bianca, o gay sertanejo do Século XX. A exumação dos fantasmas das ruínas do Piabuçu, um esquecido e ex-rico e próspero engenheiro. Médico e fazendeiro, na região de Bom Jesus onde outro fabuloso contista conterrâneo, o ex-governador Antônio de Souza, sob o pseudônimo de Polycarpo Feitosa, ambientou um romance, *Flor do Sertão* Newton Bahia escarafunchou a alma e o universo sertanejo, auscultando aquela beleza escondida, invisível a olhos insensíveis.

Familiarizado na vida sertaneja pelos serões com velhos tipos e personagens, que agora saltam do anonimato para as páginas mágicas da ficção, o autor soube garimpar o rico colorido de extrema beleza singular, de sensibilidade e de afeto humano. Quem desejar, portanto, degustar as de-

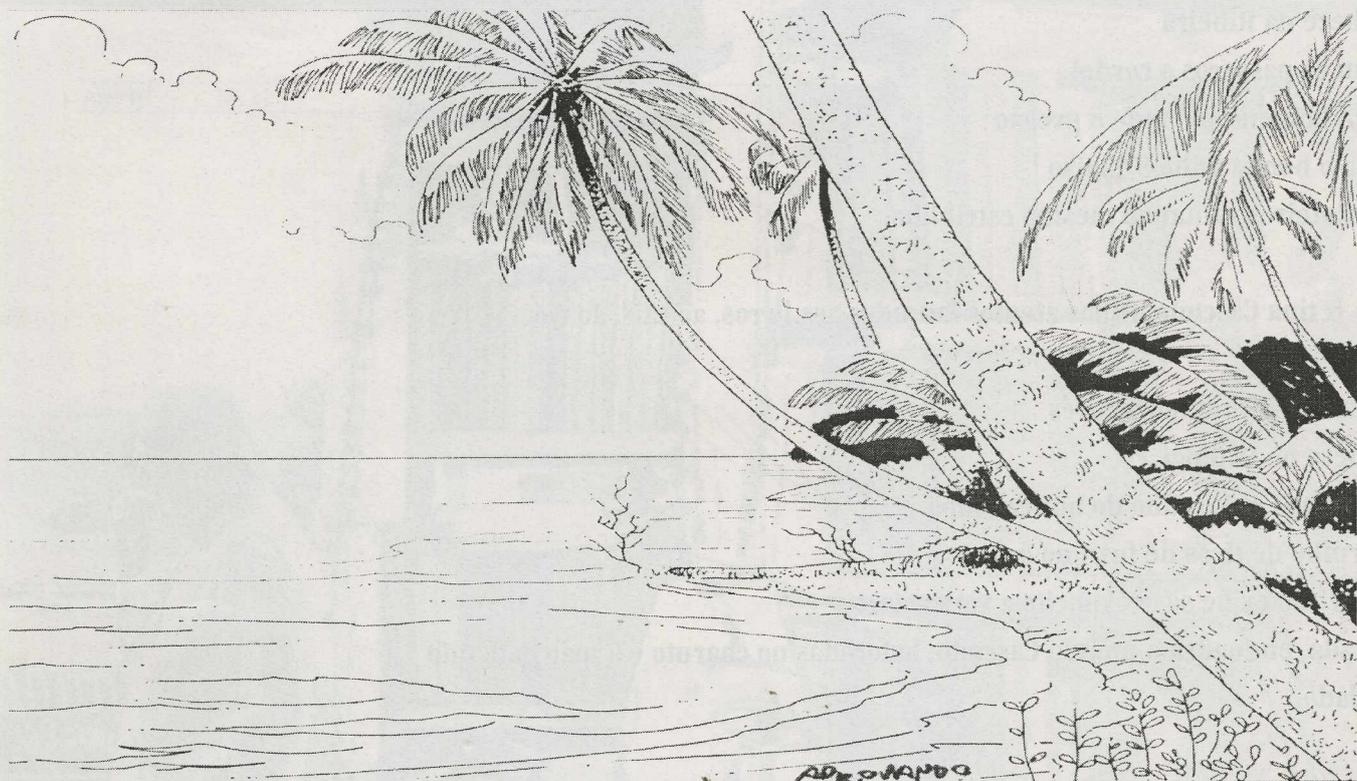
liciosas lições que o sertão nos proporciona, não pode deixar de ler *Pilão Deitado*, especialmente quando desnuda a sapiência da natureza e quando acolhe as sedutoras vozes dos seus habitantes (homens, animais e plantas), as superstições e os costumes agrestes: o trinado do nambu, o passarinho-cronômetro, que apita à uma da tarde e emite quatro silvos, às 4 horas; o profético alarido do Lagarto, que se anuncia, gritante, "Cao, Cao, Cão", alertando para a iminente chegada das lagartas, que surgem, oito dias depois: o sinistro guinchado do carcará, um devorador das desventuradas ninfetas dos galináceos; o interessante pipilar do Encontro de Ouro, mais conhecido como Pêga, um pássaro preto arremedador de papagaio e gavião; a privilegiada visão noturna do Tetéu, insuperável avistador e denunciador de raposas, aeroplanicamente, à longa distância. Entre árvores e arbustos: a Ervança ("transmite" a sarna para os animais); a Jurubeba ("mato tão sem futuro, que só as raposas conseguem comer"); o escrete das plantas de madeira forte: Cumati, Jucá, Barandão, Aroeira, Mororó; o Velame miudinho (santo remédio para sinusite); o fedegoso (que acaba com prisão de ventre de vaca); quebra-pedra (bom para inflamação).

Esse grande sertão, sob o risonho céu dos trópicos, nos encanta, como àquele tropeiro de Canaã, ao evocar as lendas natais, que resumia: há muito encantamento neste mundo de Deus.

Natal, 28 de agosto de 2000

Carlos Morais

Bonfim



Bonfim. Confluem todos para ela. O encanto daquele pedaço de mar – toda água doce, esconde na profundidade das águas, segredos só revelados a quem percorre os confins das suas sete pontas. O verde do mato exuberante em suas margens, brota numa alegria de vitória.

Dos seus segredos me falou o Louro, que andou léguas a fio das suas sete pontas.

– No início, não existia a lagoa. Havia apenas uma cacimbinha no baixo.

Duas crianças que residiam nas imediações, certo dia foram a cacimbinha para tomarem um banho.

Brincando, começaram a bater na água com uma cuia, chamando a mãe-d'água. O menino gritava:

– Manoel! e a menina respondia:

– Maria! não tardou muito e a água começou a aumentar. Com medo, eles correram para uma das pontas e a água subindo... Correram as sete pontas: Ponta do Forte; Ponta do Capitão Juvino; Ponta dos americanos; Ponta de João Adalberto; Ponta de Jaime Sales; Ponta de Joaquim Vicente e a Ponta Funda. Já cansados, pularam na água e se encantaram. Metade gente e metade cobra.

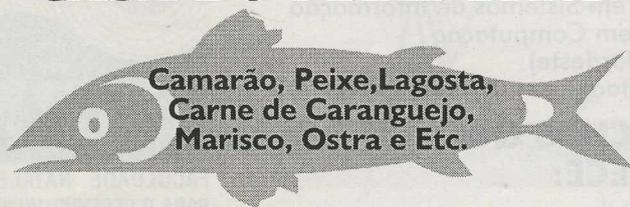
Um pessoal velho que morava no aceiro da lagoa, mais das vezes,

via os dois subirem e baixarem.

Um frade de Papari, tomando ciência dessas aparições, foi em procissão até a lagoa para batizá-lo, pois ainda eram pagãos. O Manoel, negou-se a receber o batismo e jogou-se na água, lá na ponta do Forte, morrendo logo em seguida. No lugar em que ele morreu, tempos atrás, restava apenas a espinha. É lá onde hoje tem muita goiabeira e pé de aracá. E a Maria? Batizada, voltou novamente à lagoa. Em noite parda, o pescador velho em seu giral, avista mais das vezes o vulto dela. A água sobe e desce...

Newton Lins Bahia

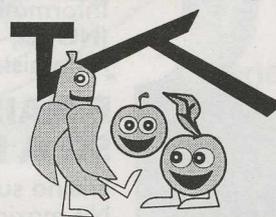
CASA DO PEIXE LTDA



Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612

Câmara Cascudo

Amanhece na Ribeira
Entoam os pássaros o cordel
Passam homens gritando o pregão
Desliza o bonde trilhos abaixo
E os escoteiros cantam o mesmo estribilho.

A tudo retina Cascudo. Olhos atentos lançados aos livros, ao cais, ao rio.

Cai a tarde na Junqueira Aires
Entardece no Potengi
Tilinta longe o chocalho do boi-calemba
Há barulho de tiros de fuzil no ar
E a televisão exhibe sexo explícito e violência.
Da sacada, enquadra o mundo Cascudo, baforadas no charuto e a mão bailando
No teclado.

É noite na Natal velha
Enegrece o firmamento
Ilumina o neón a cidade
Jejuam as prostitutas nas travessas
E a surdez dos homens é absoluta.

Flutua Cascudo entre nuvens de tabaco e monóxido de carbono,
Turva é a vista,
E carnavalizado o folclore

Paulo Dumaresq

Foto: Carlos Lyra

FARN
AQUI VOCÊ CONSTRÓI O SEU FUTURO.



OS MELHORES CURSOS SUPERIORES ESTÃO AQUI

Administração de Empresas
Ciências Contábeis
Direito
Informática: Bacharelado em Sistemas de Informação
Informática: Licenciatura em Computação (NOVO – o primeiro do Nordeste)
Administração com Habilitação em Marketing (NOVO)

E MAIS. DIFERENCIAIS QUE SÓ A FARN OFERECE:

Ensino superior de excelência
No máximo 50 alunos por sala
A mais completa biblioteca, com acesso à internet
Grade curricular sempre atualizada
Estacionamento com segurança
Campus com ampla área verde
Parque esportivo com piscina olímpica e semi olímpica, ginásios, pista de atletismo e campo de futebol

CONVÊNIO COM O FIES
(CRÉDITO EDUCATIVO)



FACULDADE NATALENSE
PARA O DESENVOLVIMENTO
DO RIO GRANDE DO NORTE
EDUCAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR

Rua Prof. Eliane Barros, 2000 – Tirol – Natal/RN
Fone/Fax: (84) 211-8688 – www.farn.br

INFORMAÇÕES: 215.2917